

Crônicas de Vespera

Capítulo Dois - Onde o Ouro Esconde a Poeira



Texto narrativo canônico, versão estendida. Começa poucas horas após o cliffhanger do Capítulo Um.

Trava de continuidade

- O capítulo ocorre na mesma noite do final do Capítulo Um.
- Iria Salvat é apresentada como restauradora do Arquivo.
- Dorian Lys aparece publicamente como conservador, sem ser desmascarado.
- A identidade do Crítico Cinzento não é revelada.
- A Décima Terceira Voz não é recomposta.

Onde o Ouro Esconde a Poeira

I. A entrada dos restauradores



A Ópera de Vespera possuía uma fachada concebida para fazer o visitante sentir-se menor antes mesmo de atravessar as portas. À meia-noite, sem carruagens, convidados, músicos ou o brilho de uma estreia, o edifício parecia ainda maior. As esculturas do frontão emergiam da chuva como figuras que haviam passado séculos observando a praça sem jamais aprender a perdoá-la. A água escorria pelas asas de pedra, pelas máscaras entalhadas e pelos degraus onde, em noites de espetáculo, nobres treinavam sorrisos antes de subir.

Kraw não entrou por ali.

A Entrada dos Restauradores ficava na lateral norte, atrás de uma fileira de colunas e de um jardim estreito que o público raramente percebia. Era uma porta de carvalho reforçada com tiras de ferro, sem vitrais, sem estátuas e sem qualquer gesto de boas-vindas. Acima dela havia apenas uma lanterna de serviço. O vidro manchado deixava a luz cor de mel cansado.

Nessa olhou da porta para a fachada distante.

— Então a casa mais vaidosa da cidade possui uma entrada que parece pedir desculpas por existir.

— A beleza pública costuma depender de portas discretas — respondeu Kraw.

— Você consegue transformar até uma porta de carga em tragédia romântica.

— Ainda não comecei a falar da dobradiça.

Lucian esperava sob o toldo estreito. O casaco claro do Palco da Lanterna havia sido substituído por uma sobrecasaca azul-escura, menos ostensiva, embora a gola e os punhos ainda parecessem incapazes de aceitar o anonimato. Ele não segurava a rapieira. O detalhe inquietou Kraw mais do que se o rival tivesse vindo armado.

— Vocês estão atrasados — disse Lucian.

Nessa ergueu o rosto para ele.

— São onze e cinquenta e oito.

— Para uma inspeção Vargo, isso conta como atraso.

— Para uma pessoa navin, eu trouxe duas pernas curtas e atravessei meia cidade na chuva. Considere um triunfo logístico.

Lucian não sorriu, mas abriu a porta.

O corredor de serviço tinha paredes de pedra nua, cabides numerados, caixas empilhadas e cheiro de cera, cola, tecido úmido e madeira recém-lixada. Era o avesso da Ópera. Kraw reconheceu imediatamente o idioma do lugar: ferramentas, panos, listas, marcações, pequenas urgências. O esplendor do palco começava ali, em coisas que ninguém aplaudia.

Uma mulher os aguardava sob a primeira luminária. Ariane Vargo usava preto sem parecer enlutada. Os cabelos grisalhos estavam presos de maneira tão precisa que o menor fio solto seria uma declaração política. Ela tinha o mesmo nariz de Lucian, mas nele o traço parecia orgulho; nela, parecia instrumento de medida.

— Senhor Savage. Senhora Quill.

Nessa inclinou a cabeça.

— Apenas Nessa. “Senhora” me faz procurar alguém mais velha atrás de mim.

Ariane não demonstrou ter ouvido a piada.

— Lucian informou que ambos prestam serviços ao Palco da Lanterna e que possuem conhecimento útil sobre materiais relacionados à antiga sala de Seraphine Vell.

— Foi uma descrição muito elegante para “estamos seguindo uma carta deixada por uma mulher desaparecida” — disse Nessa.

Lucian fechou os olhos por um instante.

Ariane voltou-se para Kraw.

— A inspeção de hoje é administrativa. Não investigativa. A diferença deverá permanecer clara.

— Tentarei não confundir as duas palavras — respondeu Kraw.

— Tente não confundir as atividades.

Ela lhes entregou dois broches de cobre com o símbolo da Liga da Linha e da Tinta. Eram autorizações temporárias, usadas por prestadores de serviço que precisavam circular fora do horário público.

— Três regras — disse Ariane. — Primeira: nenhum documento será tocado sem autorização de uma funcionária do Arquivo. Segunda: nenhuma técnica de Ressonância será empregada nas salas de preservação. Terceira: o nome de Seraphine Vell não será pronunciado diante dos restauradores que não tenham sido informados sobre este assunto.

Nessa ergueu um dedo.

— Posso perguntar qual regra costuma ser quebrada primeiro?

— Não.

— Excelente. Gosto de estatísticas sem resposta.

Ariane fitou Lucian.

— Você responde pelos dois.

— Essa é a ameaça mais grave que já me fizeram dentro desta casa.

Ariane se afastou pelo corredor, sem oferecer reação. Lucian esperou até que o som dos passos dela diminuísse.

— Minha tia não gosta de surpresas.

— Sua tia não gosta de pessoas — disse Nessa.

— Pessoas são surpresas com opiniões.

Kraw prendeu o broche na parte interna do casaco. A carta de Seraphine permanecia no bolso junto ao peito. A pena dourada estava enrolada em tecido e guardada no Atlas dos Versos Inacabados, que ele decidira deixar em casa. Garran havia aprovado essa decisão com um silêncio tão significativo que Kraw quase voltou para buscá-lo por teimosia.

A rapieira, no entanto, estava à cintura.

Lucian percebeu.

— Armas não entram no Arquivo.

— Ela não é uma arma — disse Kraw. — É uma ferramenta de caligrafia excessivamente rígida.

— Não use poesia para enganar uma regra de segurança.

— Não estou enganando. Estou oferecendo outra interpretação.

Nessa colocou a mão no braço de Kraw.

— Antes que os dois iniciem um duelo sobre substantivos, por que não começamos pelo camarote onde alguém entrou sem usar a porta?

Lucian tomou a dianteira.

O caminho os levou por corredores cada vez mais ornamentados. A pedra nua cedeu lugar a madeira escura, papel de parede, espelhos cobertos e molduras vazias. As luminárias de serviço deixavam zonas extensas em sombra. Sem plateia, o edifício não parecia adormecido. Parecia atento.

Kraw sentiu a carta contra o peito a cada passo.

A casa que aplaude em silêncio.

Por uma vez, a frase não lhe pareceu bela.

Pareceu precisa.

II. O Camarote Vargo



A porta do Camarote Vargo estava destrancada.

Lucian parou antes de tocá-la.

— Eu a tranquei esta tarde.

— Quem mais tem chave? — perguntou Kraw.

— Meu pai. Minha tia. A direção da Ópera. Dois responsáveis de segurança. Um restaurador-chefe para casos de emergência.

— E qualquer pessoa que não respeite portas — disse Nessa.

Lucian lançou-lhe um olhar curto, lembrando a frase de Ariane no conto de meses anteriores sem saber que Nessa não a ouvira.

Kraw aproximou-se da fechadura. Não havia arranhões junto ao metal, nem deslocamento recente nos parafusos. A madeira carregava pequenas marcas antigas, mas nenhuma correspondia a força recente. Ele não tocou. Apenas inclinou o rosto.

— A cera no interior ainda está inteira.

Lucian assentiu.

— Mande aplicar uma gota no mecanismo depois que encontrei a pétala. Se alguém usasse a chave, a marca quebraria.

— Então a porta foi aberta sem mover a fechadura — disse Nessa. — Ou alguém ficou lá dentro desde antes.

Lucian empurrou a folha de madeira.

O camarote tinha quatro cadeiras, duas pequenas mesas, uma balaustrada baixa e cortinas cor de vinho. O palco, muito abaixo, era um retângulo escuro interrompido por lâmpadas de manutenção. Em algum ponto da coxia, uma corrente se moveu com som de chuva metálica.

Kraw entrou por último.

A primeira coisa que notou foi o silêncio.

Não a ausência comum de voz. O camarote engolia os ruídos. A corrente da coxia parecia distante demais. Os passos de Nessa sobre o carpete não possuíam peso. Quando Lucian encostou a porta, a madeira não produziu o estalo que deveria.

Kraw levantou a mão.

— Não se movam.

Lucian ficou rígido.

— O quê?

Kraw estalou os dedos.

O som morreu antes de alcançar a parede.

Nessa aproximou o ouvido da própria mão e bateu uma unha contra outra.

— Isso estava assim ontem?

— Não — respondeu Lucian. — O camarote possui tratamento acústico, mas não desse modo.

Kraw caminhou até a balaustrada. O silêncio se tornava mais forte junto à cadeira principal. A madeira dourada da grade possuía pequenas folhas esculpidas, restauradas tantas vezes que camadas de tinta escondiam as diferenças entre uma época e outra. Sob a terceira folha, quase invisível, havia um risco cinza.

— Luz — disse ele.

Lucian acendeu uma pequena lâmpada de bolso. Kraw aproximou o brilho da moldura. O risco não era uma rachadura. Era uma linha desenhada sobre o ouro, fina como fio de cabelo, formando um arco incompleto.

Metade de uma rosa.

O mesmo símbolo do selo da carta.

Nessa soltou o ar devagar.

— Muito cenário.

— Sim — disse Kraw. — Seraphine dizia que quando uma pista parece perfeita demais, devemos perguntar para quem ela está atuando.

Lucian ajoelhou junto à cadeira principal e apontou para o carpete.

— Aqui.

A poeira estava deslocada em forma de joelho. Não havia pegadas ao redor. Kraw observou a direção das fibras. Alguém se ajoelhara junto à cadeira e apoiara peso por tempo suficiente para marcar o tecido. As fibras cinzentas presas ao veludo não pertenciam ao carpete. Eram de papel.

Nessa retirou do bolso uma pinça pequena.

Lucian olhou para ela.

— Por que você carrega isso?

— Dramaturgos precisam retirar farpas de atores e palavras de diretores.

— Não toque — disse Kraw.

— Eu ia apenas aproximar.

— Aproximar é a forma educada de tocar.

Nessa guardou a pinça com uma expressão ofendida.

Kraw se agachou, sem colocar o joelho no chão. As fibras de papel tinham um brilho discreto, semelhante à liga de prata observada por Mirella na carta. O resíduo quase prateado aparecia em duas zonas: junto à cadeira e na parte inferior da moldura dourada.

Ele estendeu a mão e sentiu frio na ponta dos dedos sem encostar.

Pulso.

Uma Ressonância fraca permanecia ali. Não era suficiente para produzir um efeito. Era como o gosto de uma palavra depois de alguém parar de falar.

— Você está usando Ressonância? — perguntou Lucian.

— Estou percebendo o Eco.

— Minha tia chamaria isso de usar.

— Sua tia não está aqui.

— Essa é a frase que costuma convocá-la.

Nessa ficou no centro do camarote, girando lentamente.

— A carta dizia “a casa que aplaude em silêncio”. O camarote é uma casa dentro da casa. E agora o silêncio não é metáfora.

— Alguém preparou o lugar para confirmar a interpretação — disse Kraw.

— Ou para conduzi-la — completou Lucian.

Kraw olhou para o rival. Lucian estava pálido, embora mantivesse o rosto controlado. A invasão não ameaçava apenas o nome Vargo. Acontecia no único território em que Lucian acreditava conhecer todas as regras.

— Você encontrou a pétala sob esta cadeira? — perguntou Kraw.

— Sim.

— Exatamente onde?

Lucian apontou. Kraw se inclinou e viu uma lasca recente na madeira. Havia sido retirada de baixo para cima, como se uma lâmina fina abrisse espaço entre o assento e a estrutura. Na fenda, algo brilhava.

Nessa tornou a oferecer a pinça.

Kraw aceitou dessa vez.

Retirou uma tira minúscula de tecido carmesim. Não era veludo do camarote. Era seda de figurino, tratada com uma camada que refletia luz mesmo molhada.

Seraphine usara tecido semelhante nas mangas de treino.

— Pode ser dela — disse Lucian.

— Pode ter sido colocado para que pensemos isso — respondeu Kraw.

— Você duvida de tudo que aponta para sua mentora?

— Não. Duvido de tudo que aponta com o dedo limpo demais.

Uma voz soou no corredor.

— E deveria duvidar de pessoas que permanecem em camarotes interditados sem comunicar a arquivista responsável.

A mulher à porta usava um avental cinza sobre camisa branca e saia escura. Os cabelos castanhos estavam presos num coque baixo atravessado por dois lápis. Havia pó dourado na lateral de sua mão e uma mancha de tinta junto ao queixo. Ela segurava uma prancheta como se fosse capaz de condenar alguém por escrito antes que terminasse a primeira frase.

Lucian se levantou.

— Iria Salvat. Assistente do Arquivo.

— Restauradora documental — corrigiu ela. — “Assistente” é a palavra que patronos usam quando precisam do trabalho e não querem pagar o nome da função.

Os olhos dela passaram por Nessa, depois por Kraw. Detiveram-se na rapieira.

— Então você é Kraw Savage.

A entonação não continha encanto.

— Tenho sido acusado disso desde o nascimento.

— Esperava alguém mais alto.

Nessa abriu um sorriso.

— Eu gostei dela.

III. Iria Salvat



Iria não tocou nas fibras, no tecido ou no risco da moldura. Fotografias não existiam como ferramenta prática em Vespera; o método dela era mais antigo e, naquele instante, mais confiável. Retirou do bolso um caderno estreito, mediu as distâncias com uma régua articulada e desenhou cada posição em traços rápidos.

— O camarote foi limpo ontem às dezessete horas — disse. — Eu conferi pessoalmente porque o setor de douramento registrou perda de pó em duas molduras do corredor. Este resíduo não estava aqui.

— A pétala estava — disse Lucian.

Iria o encarou.

— A pétala que o senhor retirou sem registrar?

— Era propriedade da Casa Vargo.

— Tudo encontrado dentro da Ópera torna-se item de ocorrência até que a origem seja determinada.

— A cadeira é da Casa Vargo.

— A poeira não conhece propriedade privada.

Nessa sentou-se na cadeira mais distante, satisfeita.

— Posso contratar você para responder pessoas em meu lugar?

— Não trabalho fora do horário sem adicional.

Iria concluiu o desenho e finalmente olhou para Kraw.

— Os rumores dizem que você fala demais.

— Os rumores têm excelente audição e péssima interpretação.

— Dizem também que elogia qualquer mulher que consiga segurar uma espada sem se cortar.

Lucian desviou o rosto. Nessa não fez esforço algum para esconder o riso.

Kraw sentiu o calor subir pelo pescoço.

— Eu elogio movimentos bem executados. Às vezes, a pessoa que os executa é uma mulher. Algumas pessoas parecem considerar a coincidência um escândalo.

Iria guardou a régua.

— Ótimo. Então não elogie minha caligrafia e podemos trabalhar.

Kraw olhou para o caderno. A letra era compacta, regular e extremamente legível.

— Farei um sacrifício.

Ela fechou a capa antes que ele pudesse continuar.

Lucian mostrou a carta. Iria não a recebeu de imediato. Pediu que Kraw a colocasse sobre uma folha limpa na mesa. Só então examinou o papel com uma lente presa por arco de metal.

— Papel do Arquivo — confirmou. — Produção da Liga da Linha e da Tinta. Fibras de linho, algodão e um banho leve de prata. Esta marca d'água foi usada em lotes de reposição durante os últimos seis anos.

— Pode dizer de qual sala saiu? — perguntou Nessa.

— Não apenas pelo papel. Mas posso dizer que foi restaurado.

Kraw se inclinou.

— Restaurado?

Iria apontou para a margem inferior.

— A folha foi rasgada ou encharcada. Alguém reintegrou fibras, prensou e reaplicou proteção contra mofo. O trabalho é bom. Não perfeito. Veja a linha onde a prata muda de densidade.

Mirella havia percebido algo parecido sem lente, apenas pelo toque. Kraw sentiu orgulho e desconforto na mesma medida.

— Quando? — perguntou.

— Meses depois de ter sido escrita, se a tinta envelheceu de modo natural. Talvez semanas. Preciso de luz melhor para estimar.

— Então alguém encontrou uma carta danificada de Seraphine — disse Nessa —, restaurou e decidiu entregá-la agora.

Iria levantou os olhos.

— Seraphine Vell?

A terceira regra de Ariane caiu entre eles como objeto de metal.

Lucian respondeu antes que Kraw tentasse reformular.

— Sim.

Iria fechou a lente.

— A senhora Vargo proibiu que o nome fosse mencionado.

— Diante de restauradores não informados — disse Nessa. — Agora você está informada.

Iria não sorriu, mas o canto esquerdo de sua boca considerou a possibilidade.

— A senhora Vargo proibiu a coisa errada. Há seis meses encontro registros alterados em documentos associados à Noite dos Sinos Partidos. Em três deles, o nome de Seraphine aparecia em índices antigos e desapareceu nas versões recentes.

Lucian se aproximou.

— Por que não informou a direção?

— Informei. Recebi três respostas diferentes. A primeira dizia que era erro de catálogo. A segunda, que os documentos estavam em restauração externa. A terceira, que eu não tinha acesso à classificação administrativa necessária para fazer a pergunta.

— E então?

— Passei a fazer a pergunta em meu próprio caderno.

Ela tocou o bolso onde guardara as anotações.

— Hoje, antes da inspeção, encontrei um volume deslocado na Sala do Índice Morto. Registro de Douramento quarenta e sete, letra L. A lombada tinha ouro novo sobre reparo antigo. Quando soube que a senhora Vargo receberia visitantes ligados ao Palco da Lanterna, decidi esperar.

Kraw retirou a carta da mesa e mostrou a segunda frase.

Procure onde o ouro aprende a esconder poeira.

Iria leu duas vezes.

— A douração esconde emendas — disse. — Não por maldade. É parte da restauração. Mas também pode esconder cortes, remoções e marcas de acesso.

— A Sala do Índice Morto — disse Lucian. — Leve-nos até lá.

Iria segurou a prancheta contra o peito.

— Não.

Lucian pareceu ofendido pela existência da palavra.

— Você acabou de dizer que esperou por nós.

— Esperei para avaliar se eram tão irresponsáveis quanto os rumores.

Nessa apontou para Kraw.

— Ele é. Eu sou responsável de modo irritante, e Lucian possui um sobrenome que serve como ferramenta de arrombamento administrativo.

— Não ajuda — disse Lucian.

— Ainda estou avaliando.

Iria voltou os olhos para Kraw.

— Por que procura Seraphine?

A pergunta era simples demais para uma resposta bonita. Kraw sentiu a primeira vontade de oferecer uma frase perfeita e a deixou passar.

— Porque ela desapareceu tentando impedir algo. Porque deixou pessoas que a amam sem saber se devem esperar ou enterrar. Porque existe uma técnica sendo usada para apagar escolhas, e eu acho que ela encontrou a origem antes de nós.

— E porque era sua mentora.

— Sim.

— O que fará se o volume trazer a obra inteira?

A última linha da carta atravessou sua memória.

Não confie em quem lhe oferecer a obra inteira.

— Duvidarei.

— Mesmo que reconheça a letra dela?

— Principalmente então.

Iria ficou em silêncio por alguns segundos.

— Guardem as armas.

— Eu não trouxe — disse Nessa.

— Suas frases contam.

Nessa aceitou o elogio com um leve aceno.

Iria conduziu-os para fora do camarote.

Ao passarem pela porta, Kraw olhou mais uma vez para a moldura dourada. O risco em forma de meia rosa parecia diferente sob outro ângulo. Não era apenas uma marca.

Era uma seta.

Apontava para baixo.

IV. Onde o ouro aprende a esconder poeira



A Galeria das Molduras Mudas recebia esse nome porque abrigava retratos retirados de circulação. Algumas pinturas haviam sido movidas para restauração; outras, escondidas por conveniência política. Restavam as molduras vazias, enormes e douradas, penduradas sobre paredes azul-escuras como janelas que tivessem desistido da paisagem.

Iria caminhava depressa. Lucian acompanhava sem dificuldade. Kraw ajustou o passo ao de Nessa, que precisava dar quase dois para cada passada dos outros e se recusava a admitir cansaço.

— Quantos nomes foram retirados dos registros? — perguntou Kraw.

— Não sei — respondeu Iria. — Sei de sete índices modificados. Quatro referências à Liga, duas à Confraria dos Bastidores e uma a Seraphine.

— Todos ligados à Noite dos Sinos Partidos?

— Ou ao uso da Ópera como sede administrativa antes da Libertação. O prédio foi reformado, mas parte do subsolo pertence à estrutura anterior. Arquivos de interrogatório, listas de funcionários, ordens de ocupação, correspondências de patronos.

Lucian diminuiu a velocidade.

- Minha família financiou parte da reforma.
- Sua família financiou metade das coisas que prefere não mencionar — disse Iria.
- Você fala assim com todos os patronos?
- Apenas com os que perguntam.

No fim da galeria, uma escada estreita descia em espiral. O ar tornou-se mais frio. A ornamentação cedeu lugar a tijolos, tubos, marcas de umidade e portas numeradas. Kraw percebeu o leve zumbido da Ópera acima deles: madeira acomodando, contrapesos pendendo, cordas vibrando, o grande edifício respirando por mecanismos.

O Arquivo começava após uma grade de ferro. Iria apresentou o broche, girou duas chaves e pressionou uma sequência de três pequenas alavancas. O sistema era mecânico, mas Kraw sentiu uma camada de Ressonância organizada na própria grade. Uma Âncora de atenção. Quem não soubesse a sequência teria dificuldade para se lembrar do movimento correto.

- Discreto — disse ele.

Iria olhou de lado.

- Não use Ressonância.
- Eu apenas percebi.
- A senhora Vargo chamaria isso de usar.

Lucian soltou um suspiro.

- Estou cercado pela mesma pessoa em corpos diferentes.

A Sala do Índice Morto ficava no segundo corredor. O nome não aparecia na porta. Havia apenas a inscrição “R-4”. Dentro, estantes móveis ocupavam quase todo o espaço. Livros de registro descansavam em caixas, prateleiras e mesas inclinadas. Alguns tinham fitas vermelhas. Outros estavam embrulhados em tecido neutro. A lâmpada central produzia luz branca e sem conforto.

Iria vestiu luvas de algodão e entregou pares aos três.

As de Nessa eram grandes demais.

- Esta casa não respeita pessoas pequenas — reclamou.
- O Arquivo possui luvas infantis — disse Iria.
- Prefiro perder a sensibilidade dos dedos a aceitar essa provocação.

O Registro de Douramento 47-L estava sobre uma mesa, isolado por quatro pesos de vidro. A capa era preta. O título fora aplicado em ouro recentemente: Reparos Ornamentais e Substituições de Moldura - Anos 42 a 49 da Libertação.

Kraw aproximou-se.

O douramento parecia comum. A letra L, porém, tinha brilho desigual. Havia partículas cinzentas presas sob a folha metálica, visíveis apenas quando a luz passava de lado.

Iria abriu o volume na página marcada.

— Este registro deveria descrever manutenção de molduras e painéis acústicos. Ontem encontrei uma entrada que não corresponde ao índice.

Na página, uma tabela listava datas, setores e responsáveis. Uma linha chamava atenção por estar escrita em tinta mais escura.

Sala administrativa inferior. Painel de resposta. Autorização especial. S. Vell.

A data era quatorze meses antes, quando Seraphine ainda trabalhava no Soneto da Décima Terceira Voz.

Lucian inclinou-se.

— A assinatura de autorização é do meu pai.

— Parece — disse Iria.

— Eu conheço a assinatura dele.

— Conhece a forma pública. Esta foi feita com pena técnica, num registro de oficina. Pessoas escrevem de modo diferente quando acreditam que ninguém observará.

Lucian apertou o maxilar.

Kraw não olhou para a assinatura. Observou o nome de Seraphine. O “S” era correto. O “V” também. Mas a distância entre as letras parecia forçada, como se alguém tivesse copiado cada parte separadamente.

— Não foi ela quem escreveu isso.

— Como sabe? — perguntou Iria.

— Seraphine não levantava a pena entre o sobrenome e a marca final. Aqui há três interrupções.

Iria aproximou a lente.

— Tem razão.

Kraw quase comentou sobre a letra dela, lembrou da proibição e ficou calado.

Iria ergueu o olhar.

— Está doendo?

— O quê?

— Não dizer alguma coisa.

Nessa cobriu a boca com a luva.

— Muito.

Iria virou outra página.

Um retângulo de papel fora removido com lâmina. O corte era perfeito. Sob a folha, o sulco atingira duas páginas seguintes. Alguém retirara uma entrada e deixara apenas a pressão da escrita.

Nessa aproximou-se.

— Podemos recuperar por relevo.

— Sem grafite — disse Iria. — Danifica. Usamos luz lateral e placa flexível.

Ela buscou um instrumento na gaveta: uma lâmina fina de mica escura. Colocou-a sobre a página seguinte e inclinou a luz. As marcas surgiram como sombras.

Kraw leu fragmentos.

...décima terceira...

...não em texto...

...quatro portadores...

...Canoro...

...a resposta deve permanecer...

O restante se perdia em cruzamentos de pressão e anotações posteriores.

Liora apareceu na mente de Kraw com o arco do violino na mão. A Melodia sem Conclusão. Quatro notas ascendentes. Um intervalo esperando resposta.

Ele afastou o pensamento antes que se tornasse certeza.

— Quatro portadores — disse Lucian. — Pessoas?

— Ou obras — respondeu Nessa. — Voz, movimento, imagem, objeto.

Iria examinava a lombada.

— Há uma cavidade.

O ouro novo escondia uma emenda antiga. Com uma espátula de osso, ela levantou a borda da folha metálica. Sob a decoração havia um compartimento estreito, largo o suficiente para uma fita de papel.

O cheiro de prata tornou-se mais forte.

Kraw sentiu o Pulso antes de ver qualquer coisa.

— Pare — disse.

Iria congelou.

Uma nota grave atravessou a sala.

Não veio de instrumento algum.

Veio das paredes.

V. O Eco



A primeira reação de Kraw foi procurar a origem.

A segunda foi esquecer por que a procurava.

A nota não era alta. Era profunda, constante e quase confortável. Organizou o ar, alinhou os objetos, tornou cada aresta mais nítida. Por um instante, Kraw teve a sensação de que bastava ouvi-la com atenção suficiente para que todas as perguntas encontrassem resposta.

Seu corpo deu um passo em direção à estante do fundo.

Nessa fez o mesmo.

Lucian levantou a mão direita, como se começasse uma saudação de duelo. Iria permanecer com a espátula suspensa sobre o ouro. Os quatro haviam assumido gestos diferentes, mas o ritmo era o mesmo.

Kraw percebeu a repetição.

A nota pulsou.

Todos repetiram o movimento.

A armadilha não criava vontade. Reduzia o espaço entre impulso e ação. Atenção compulsiva. Repetição gestual. Seraphine havia descrito algo semelhante ao falar de

técnicas que se recusava a ensinar.

Kraw tentou dizer “não escutem”. A língua tocou o céu da boca e a palavra morreu.

O som no Arquivo não permitia interrupção. Cada tentativa de produzir ruído retornava como parte da nota. O próprio silêncio fora preparado para obedecer.

Traço. Âncora. Eco.

A Âncora podia ser o livro, mas o Traço estava na arquitetura. Painéis acústicos. Molduras. Douramento. O edifício inteiro participava.

Kraw moveu a mão livre um centímetro para fora do padrão. A nota pressionou sua atenção de volta. Sentiu dor atrás dos olhos.

Lucian repetiu a saudação pela terceira vez. Na próxima, o braço encontraria a borda da estante. Nessa caminhava em direção ao corredor estreito entre prateleiras, sem olhar para o chão. Iria começava a retirar mais ouro da lombada, incapaz de parar mesmo que a espátula estivesse prestes a cortar o papel.

Kraw pensou na Escadaria das Chuvas.

Pedra molhada era o melhor mestre porque não se deixava seduzir por explicações.

A nota queria explicação. Queria que ele a entendesse. Queria parecer inevitável.

Kraw deslocou o peso para o pé esquerdo e permitiu que o joelho cedesse.

Caiu.

A dor do ombro contra o chão interrompeu o gesto. Não o som, mas o corpo. A nota tentou reorganizá-lo. Kraw deixou a mão da espada agarrar o carpete e puxou a rapieira com a outra num movimento feio, sem elegância.

Seraphine lhe ensinara que a beleza era forma. Garran lhe ensinara que sobreviver vinha antes.

Ele bateu a guarda da rapieira contra o piso.

Metal contra pedra produziu um estalo curto e imperfeito.

A nota absorveu o som.

Kraw bateu outra vez, fora do ritmo.

A pressão aumentou.

Na terceira, introduziu Pulso na lâmina. Não o suficiente para atacar. Apenas para criar um Eco próprio, áspero e deliberadamente incompleto.

A rapieira respondeu com uma vibração aguda.

A nota grave hesitou.

Kraw girou no chão e atingiu a base da mesa. Os pesos de vidro caíram em momentos diferentes. Cada impacto criou um ruído irregular. A armadilha tentou incorporá-los e perdeu clareza.

Nessa tropeçou e recuperou consciência suficiente para xingar.

— Isso — disse Kraw, com dificuldade. — Continue.

— Eu pretendia.

Ela empurrou uma caixa de fichas. Centenas de cartões caíram, produzindo uma chuva seca de papel.

Lucian piscou. O braço ainda repetia a saudação. Kraw alcançou sua manga e puxou no instante errado, fazendo o rival girar.

— Que maneira vulgar de quebrar uma postura — disse Lucian, ofegante.

— Aceito a crítica.

Iria ainda estava presa. A espátula avançava pela lombada em movimento pequeno e preciso. Kraw se aproximou, mas a nota reagiu e o obrigou a repetir o último passo. O corredor pareceu alongar-se. As estantes se afastaram. A sala perdeu direção.

Desorientação espacial.

Uma sombra atravessou a porta.

Alguém estava no corredor externo.

Kraw viu apenas um casaco escuro e uma mão enluvada junto à grade. A figura segurava uma pequena peça de metal semelhante ao diapasão usado por afinadores.

O Traço.

Se alcançasse a pessoa, talvez pudesse interromper o efeito e obter respostas. Um passo dimensional o colocaria no corredor. Sua rapieira já carregava Pulso. A abertura existia.

Então Iria soltou um som baixo.

A espátula atravessara a primeira camada de papel. Mais um movimento e destruiria o compartimento. Nessa tentativa manter o ruído, mas começava a voltar ao padrão. Lucian apoiara a mão na garganta, como se a própria respiração obedecesse à nota.

Kraw olhou para a sombra.

A sombra recuou.

Ele poderia seguir.

Seraphine havia desaparecido há onze meses. Onze meses de portas fechadas, cartas ausentes, noites em que qualquer ruído na rua parecia retorno. A pessoa do corredor podia carregar uma resposta. Talvez fosse o mais perto que chegara dela.

Kraw deu um passo para Iria.

A sombra fugiu.

Ele não olhou de novo.

— Nessa — disse. — Uma frase ruim.

Ela o encarou, confusa.

— O quê?

— Diga a pior frase que já escreveu.

— Isso é crueldade.

— Preciso de um ritmo que a armadilha não consiga prever.

Nessa cerrou os dentes.

— “O amor é uma porta que só abre para dentro.”

Lucian gemeu.

— Isso é criminoso.

— Eu tinha dezenove anos.

— De novo — disse Kraw.

— O amor é uma porta que só abre para dentro!

Kraw bateu a rapieira no chão entre as palavras. Lucian derrubou uma cadeira. Nessa repetiu a frase com pausas diferentes, alterando ênfase, volume e velocidade. A cacofonia abriu pequenos espaços na nota.

Kraw alcançou Iria e segurou o pulso dela.

Ela tentou repetir o movimento.

— Solte — disse ele.

— Não consigo.

— Então não tente parar. Mude o destino.

Guiou a mão dela para o lado. A espátula completou o gesto, mas cortou apenas o ar.

Iria respirou de modo brusco, recuperando-se.

— A parede — disse. — O painel atrás da estante.

Ela apontou para uma moldura acústica estreita. O douramento possuía o mesmo arco de meia rosa. Kraw entendeu.

A armadilha usava a moldura como Âncora local. A nota vinha de tubos e caixas embutidos na estrutura, mas precisava da placa dourada para manter a intenção organizada.

— Lucian, tire o painel.

— Com o quê?

Kraw ofereceu a rapieira.

Lucian olhou para a arma e depois para ele.

— Você chamou isso de ferramenta de caligrafia.

— Agora é ferramenta de restauração agressiva.

Lucian inseriu a ponta na junção. Iria protestou por reflexo profissional.

— A moldura é do período da Libertação.

— Então sobreviverá a uma crítica — disse Nessa.

Lucian forçou. O ouro rachou. Kraw colocou a mão livre sobre a placa e enviou Pulso na direção contrária, não para quebrar, mas para desorganizar a forma.

A nota se partiu.

Por um instante, o Arquivo devolveu todos os sons que havia engolido: papéis caindo, respirações, madeira, metal, passos distantes na Passagem dos Contrapesos.

Depois veio o silêncio comum.

O tipo de silêncio que não exigia nada.

Iria se apoiou na mesa. Lucian entregou a rapieira de volta. Nessa sentou no chão entre fichas espalhadas.

— Minha frase salvou três pessoas — disse ela. — Nunca mais permitirei que alguém a critique.

— Salvou quatro — corrigiu Kraw.

— Você estava ocupado fazendo escolhas heroicas de gosto duvidoso.

Iria olhou para a porta vazia.

— Havia alguém ali.

— Sim.

— Você poderia ter seguido.

— Sim.

— Por que não seguiu?

Kraw guardou a rapieira. O ombro doía. A resposta parecia óbvia, e por isso ele desconfiou dela antes de dizer.

— Porque vocês estavam aqui.

Iria sustentou seu olhar por tempo suficiente para que ele sentisse a necessidade de acrescentar algo. Não acrescentou.

Ela foi a primeira a desviar.

VI. O que permanece em papel



Ariane chegou sete minutos depois, acompanhada por dois agentes da segurança e por um homem magro de cabelos cuidadosamente penteados que se apresentou como Dorian Lys, conservador acústico da Ópera.

Kraw reconheceu o formato da ferramenta presa ao cinto dele.

Um diapasão técnico.

Não era prova. Metade dos profissionais de acústica carregava algo semelhante. Ainda assim, Dorian observou a moldura quebrada com uma tristeza que parecia pessoal.

— Esta placa foi construída para distribuir retorno de palco — disse. — Quem a transformou em Âncora compreendia acústica e Ressonância em nível elevado.

Iria cruzou os braços.

— E conseguiu fazê-lo sem registro de acesso.

Dorian olhou para ela.

— Registros falham.

— Pessoas os fazem falhar.

Ariane avaliou a sala. A expressão dela não mudou diante do ouro quebrado, dos papéis espalhados ou da marca de lâmina na moldura. Mudou apenas quando viu a assinatura atribuída a Oren Vargo.

— Ninguém sairá com cópias — disse.

— O volume contém uma autorização em nome de seu irmão — respondeu Iria. — E uma entrada falsa em nome de Seraphine Vell.

A terceira regra morreu oficialmente.

Ariane aproximou-se da página sem tocá-la.

— Esta sala será selada.

— Isso apaga a ocorrência — disse Lucian.

— Isso preserva a ocorrência.

— A diferença costuma depender de quem possui a chave.

Ariane fitou o sobrinho. Por um instante, a família inteira pareceu condensada no espaço entre os dois: o nome, o medo do escândalo, a obrigação de proteger a casa mesmo quando a casa talvez protegesse algo indevido.

— Você não compreende o que uma acusação prematura faria — disse ela.

— Compreendo exatamente. É por isso que sempre chamamos de prematura até que seja tarde.

Nessa levantou-se, sacudindo cartões da saia.

— Seria um momento excelente para todos lembrarem que alguém acabou de usar o prédio como instrumento para repetir nossos corpos.

Dorian inclinou-se junto ao painel danificado.

— Não repetiu os corpos. Reduziu a variação de resposta.

Kraw o observou.

— Uma distinção importante para quem construiu.

Dorian voltou o rosto. Os olhos eram claros, atentos, sem hostilidade.

— Uma distinção importante para quem pretende compreender.

Kraw sentiu o impulso de provocá-lo, mas Iria já retornara à lombada. A espátula havia aberto o compartimento o suficiente para revelar uma fita estreita de papel, protegida por tecido encerado.

— Com autorização ou sem? — perguntou ela a Ariane.

Ariane demorou um segundo.

— Abra.

Iria retirou a fita. O papel era antigo, mas a tinta permanecia escura. Havia uma única frase, escrita na caligrafia de Seraphine.

A última voz não permanece inteira em papel.

Kraw leu sem respirar.

A frase continha a firmeza da mentora. Nenhum tremor. Nenhuma interrupção indevida. Se era falsificação, superava a carta.

Nessa se aproximou.

— “Não permanece inteira” — disse. — Pode ter sido dividida.

— Ou nunca foi escrita por completo — respondeu Iria.

Lucian tocou a borda da mesa.

— Quatro portadores.

Todos olharam para as marcas recuperadas por relevo.

— Pessoas, obras ou Âncoras — disse Kraw.

A melodia de Liora voltou à mente. Ele a manteve fora da voz.

Dorian levantou-se do painel.

— Se a técnica foi dividida, cada parte isolada pode parecer inofensiva. O perigo só existiria na recomposição.

— Você fala como se já tivesse considerado o método — disse Kraw.

— Sou conservador. Reconstruir partes dispersas é o meu trabalho.

A resposta era perfeita. Kraw desconfiou dela.

Iria colocou a fita em invólucro neutro e anotou o horário. Depois recolheu uma amostra do pó cinzento com instrumento esterilizado.

— Isto lembra o resíduo que você mencionou no camarote — disse a Lucian.

— E o pó encontrado por Corven num frasco de medicamento — respondeu Kraw.

Ariane ergueu o rosto.

— O boticário Hale está envolvido?

— Está investigando uma cantora que perdeu trechos de memória após tomar um tônico de palco.

Dorian se interessou.

— Memória perdida?

— Atenção conduzida — corrigiu Kraw. — A diferença é importante para quem pretende compreender.

Nessa murmurou:

— Agora temos dois homens transformando ameaça em competição de vocabulário.

Iria fechou o volume.

— A amostra sairá comigo e será entregue a Corven pela manhã. O registro será selado, mas não desaparece do meu caderno.

Ariane olhou para ela.

— Senhora Salvat, seu vínculo com a Ópera depende de descrição.

— Meu vínculo com o ofício depende de integridade.

— Não são opostos.

— Hoje foram.

Lucian deu um passo ao lado de Iria. O gesto era pequeno, mas Ariane o percebeu. Kraw também.

Ariane recolheu a própria expressão como quem fecha uma porta.

— A inspeção terminou.

VII. A saída



Subiram em silêncio até a Galeria das Molduras Mudas. Dorian permaneceu no Arquivo com a equipe técnica. Ariane seguiu por outro corredor, levando um agente de segurança. Lucian acompanhou Kraw, Nessa e Iria até a Entrada dos Restauradores.

A chuva diminuía. A praça refletia a Ópera em pedaços deformados.

Nessa parou sob o toldo.

— Precisamos estabelecer uma regra.

— Já tivemos três hoje — disse Lucian.

— As suas eram ruins. A minha é: ninguém visita arquivos subterrâneos sem informar a família e levar pão.

— Por que pão? — perguntou Iria.

— Porque Kraw pensa pior quando não come e Lucian provavelmente nunca carregou alimento sem criados.

Lucian abriu a boca.

— Não responda — disse Kraw. — É uma armadilha.

— Aprendeu rápido — comentou Iria.

Kraw olhou para ela. Sob a luz da lanterna, o pó dourado na mão parecia resto de alguma constelação menor. Ele recordou a ordem de não elogiar sua caligrafia e decidiu que a restrição provavelmente se estendia a mãos, inteligência e coragem.

— Obrigado — disse apenas.

Iria ergueu uma sobrancelha.

— Por quê?

— Por não fechar o livro quando seria mais seguro.

— Eu trabalho com livros. Fechá-los é parte do ofício. Esconder o que existe dentro, não.

A resposta agradou Kraw de modo inconveniente. Ele não tentou ornamentá-la.

Lucian observava a praça.

— Minha tia vai informar meu pai antes do amanhecer.

— Você teme que ele esteja envolvido? — perguntou Nessa.

— Temo que ele saiba o suficiente para parecer culpado e não o bastante para ser útil.

Kraw tocou o bolso onde guardara a carta.

— A assinatura pode ser falsa.

— Eu sei.

— Mas você não acredita nisso.

Lucian virou-se.

— Acredito que meu pai assina documentos que não lê quando confia em quem os coloca diante dele. Em famílias como a minha, culpa raramente precisa de intenção completa.

Nessa não fez piada.

Iria retirou do bolso um papel dobrado e entregou a Kraw.

Era uma lista de números de catálogo, datas e iniciais.

— Meu Caderno das Margens possui dezenove discrepâncias. Estas sete se relacionam à Noite dos Sinos Partidos, ao Palco da Lanterna ou a Seraphine. Não leve o papel para a oficina. Faça uma cópia e devolva amanhã.

— Você confia em mim?

— Não. Confio que, se desaparecer com a lista, sua mãe saberá onde encontrá-lo.

— Você conhece minha mãe?

— Toda restauradora documental conhece Mirella Valeri Savage, mesmo quando ela insiste em trabalhar numa rua que patronos fingem não frequentar.

Kraw sorriu.

— Agora quero elogiar sua escolha de referências.

— Resista.

Nessa apontou para a rua.

— Antes que ele falhe, precisamos ir.

Lucian ficou junto à porta.

— Amanhã, no Palco.

— Você vem? — perguntou Kraw.

— Não interprete como amizade.

— Jamais insultaria uma rivalidade tão bem cultivada.

Lucian estendeu a mão. Kraw apertou. Não era reconciliação. Era reconhecimento de risco compartilhado.

Iria começou a voltar para o interior.

— Senhora Salvat — chamou Kraw.

Ela virou apenas o rosto.

— Iria — disse. — “Senhora” me faz procurar minha mãe atrás de mim.

Nessa soltou uma gargalhada.

Kraw inclinou a cabeça.

— Iria, então. O pó cinzento. Você disse que o volume foi deslocado hoje.

— Sim.

— Tem certeza de que a alteração é recente?

Iria retornou dois passos e olhou diretamente para ele.

— Isso não estava aqui ontem.

O frio que Kraw sentiu não veio da chuva.

Nessa compreendeu primeiro.

— A carta não nos trouxe até uma pista — disse. — Trouxe-nos até alguém que estava esperando para ver o que faríamos com ela.

Lá dentro, muito distante, uma nota metálica vibrou uma única vez.

Dorian Lys permanecia no Arquivo.

Kraw olhou para as janelas altas da Ópera, onde nenhuma luz deveria estar acesa. No terceiro andar, atrás de um vitral estreito, uma sombra se moveu.

Quando piscou, havia apenas ouro, vidro e chuva.

VIII. A manhã ainda não chegou



O caminho de volta à Travessa das Sete Lanternas pareceu mais curto e mais perigoso. Nessa falou pouco. Kraw percebeu que ela contava passos, um hábito que surgia quando estava assustada e não queria oferecer ao medo nenhuma frase aproveitável.

- Você viu a pessoa no corredor — disse ela quando deixaram o Distrito da Ópera.
 - Vi uma forma.
 - E escolheu não seguir.
 - Escolhi ficar.
 - Não estou criticando.
 - Isso é novo.
 - Estou tentando entender se você vai transformar essa escolha em culpa amanhã.
- Kraw não respondeu.

— Vai — concluiu Nessa. — Então poupe tempo: se tivesse seguido, talvez pegasse alguém. Talvez fosse atraído para outra armadilha. Talvez voltasse e encontrasse três pessoas feridas e um livro destruído. Você não escolheu entre pista e fracasso. Escolheu entre uma possibilidade e pessoas reais.

- Eu sei.
- Saber não é a mesma coisa que aceitar.
- Você escreve isso em alguma peça?
- Já escrevi. Ficou pretensioso. Na vida real funciona melhor.

A Botica Hale estava fechada quando passaram pelo Mercado das Arcadas. Kraw deixou um bilhete sob a porta de Corven, usando a metade de uma frase combinada para urgências: “O frasco encontrou uma estante.” Corven entenderia que havia ligação e que precisava levar a caixa metálica ao Palco ao amanhecer.

Quando chegaram à Travessa, uma única janela da Oficina Savage & Valeri permanecia acesa.

Garran estava sentado junto à mesa, com uma caneca intocada e a velha rapieira de serviço sobre os joelhos. Não perguntou por que demoraram. Observou o ombro de Kraw, a poeira no casaco e o modo como a mão direita permanecia rígida.

— Caiu? — perguntou.

— Deliberadamente.

— A pedra ganhou?

— Desta vez, o chão era de arquivo.

Garran levantou-se com dificuldade e tocou o ombro do filho. Kraw fez uma careta.

— Nada quebrado — avaliou o pai. — Amanhã vai doer mais.

— Isso costuma ser a forma do amanhã.

— Não comece.

Mirella surgiu da escada. Já vestia roupa de dormir, mas os cabelos estavam presos e havia uma agulha entre os dedos, como se tivesse aguardado trabalhando para não admitir que aguardava.

Liora apareceu atrás dela com o violino ainda na mão.

Tessa abriu a porta da rua sem bater.

— Eu vi a luz — disse, como se isso explicasse ter atravessado a madrugada.

Em poucos minutos, a mesa se encheu de gente, pão, papel e silêncio. Kraw contou quase tudo. Omitiu apenas a associação imediata entre as quatro marcas e a Melodia sem Conclusão. Não queria transformar a irmã em pista antes de ter motivo.

Liora percebeu que havia omissão.

— Você está respirando como respira quando decide proteger alguém sem pedir permissão — disse.

Garran olhou para o filho.

— É de família.

Kraw colocou a carta sobre a mesa e, ao lado, a cópia das anotações de Iria.

Mirella examinou os números.

— Iria Salvat.

— Você a conhece? — perguntou Kraw.

— Conheço o trabalho. A mãe dela dourava molduras no Mercado. Iria restaurou três volumes de partituras para o Salão do Pássaro Canoro. É boa.

Kraw evitou concordar com entusiasmo.

Nessa percebeu e chutou levemente sua bota sob a mesa.

— Muito boa — acrescentou Mirella, observando o filho com precisão incômoda.

— Estamos analisando documentos, mãe.

— Claro.

Tessa pegou um pedaço de pão.

— Isso vai melhorar os rumores.

— Não há nada para melhorar.

— Rumores não exigem matéria-prima. Preferem espaço vazio.

Liora aproximou-se da fita copiada por Kraw.

— “A última voz não permanece inteira em papel.” Então onde permanece?

Ninguém respondeu.

O violino sob o braço dela pareceu ocupar mais espaço na sala.

Kraw olhou para a janela. O céu começava a clarear muito lentamente, mas a manhã ainda não havia chegado.

Na Ópera, um homem poderia estar recolocando uma ferramenta no cinto. Ariane talvez escrevesse ao irmão. Lucian talvez encarasse o Camarote Vargo sem conseguir decidir se ainda lhe pertencia. Iria provavelmente registrava cada irregularidade antes que alguém a obrigasse a esquecer.

E Seraphine, viva ou morta, permanecia distribuída em pistas que alguém restaurava, removia e recolocava diante deles.

Kraw abriu o Atlas dos Versos Inacabados.

Na primeira página livre, escreveu:

Fato: a carta foi restaurada antes de chegar a Tessa.

Fato: o Camarote Vargo foi preparado para confirmar a pista.

Fato: o Registro 47-L continha uma armadilha de Eco.

Fato: a Décima Terceira Voz não permanece inteira em papel.

Fato: alguém observou nossa escolha.

Abaixo, depois de hesitar, acrescentou:

Dívida: descobrir quem ficou no corredor.

Dívida: não transformar Liora em resposta antes de ouvi-la como pessoa.

Dívida: devolver a lista de Iria.

Nessa leu por cima do ombro.

— Você colocou Iria numa categoria perigosa.

— “Dívida” é categoria investigativa.

— Naturalmente.

Kraw fechou o Atlas.

Do lado de fora, a Travessa começava a acender. Uma lanterna após outra. O padeiro ainda não abria, os músicos ainda não afinavam, os carregadores ainda não cruzavam a esquina. Por alguns minutos, a rua pertenceu apenas às pessoas que tinham permanecido acordadas para garantir que alguém voltasse.

Kraw sentiu o peso da casa ao redor.

Dessa vez, não como corrente.

Como Âncora.

Fim do Capítulo Dois